



apem

NEWS LETTER

setembro 2013

Carta aos sócios

Começar de novo: contra a violência dos dias e das políticas,
não desistir nunca.

3

Nós por cá

Notícias da APEM - Programa do Encontro Nacional 2013

4

Vozes da APEM

Maria de Jesus Pestana

6

Perguntámos a...

Ana Leonor Pereira

8

De olhos postos

Projeto Teatro Musical – Víctor Palma

10

O que já se escreveu

Fernando Palacios

12

Última

Programa e horário do Encontro Nacional da APEM 2013

14



APEM 2013

Encontro Nacional

Ouvir, interpretar, criar: pedagogia da audição

- **Conferências**

Fernando Palacios, António Pinho Vargas

- **Workshops**

*José Carlos Godinho, Margarida Fonseca Santos,
João Carlos Rodrigues, Cristina Brito da Cruz*

- **Conversa com...**

Eugénio Harrington Sena

- **Concerto**

Coro do Instituto Gregoriano de Lisboa

Fundação Calouste Gulbenkian - Lisboa

26 de outubro de 2013
das 09.00h às 18.00h

Inscreva-se em:

apem.educacaomusical@gmail.com

• 213 868 101
• 917 592 504
• 960 387 244

organização:



associação
portuguesa
de educação
musical



GOVERNO DE
PORTUGAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIA



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN

Carta aos **SÓCIOS**

Começar de novo: contra a violência dos dias e das políticas, não desistir nunca.

São tempos de (re)começos.

Mas como começar de novo quando o final do ano letivo foi o que foi e o início deste ano é o que é e quando a “novilíngua política” fala em requalificação quando o que está em marcha são despedimentos, quando se fala em normalidade mas o que existe é, no mínimo, impreparação, irresponsabilidade, insensibilidade, cegueira?

Como começar de novo quando se fala em rigor, excelência e autonomia mas o que se tem são “mega ajuntamentos”, aumento do número de estudantes por sala, redução de saberes nos currículos, redução de professores, reduções e mais reduções bem como o incremento do controlo político, administrativo, científico e pedagógico?

Como começar de novo quando se torna “cada vez mais insuportável a notícia diária da paulatina destruição da escola em Portugal” e onde “qualquer recuo na melhoria da escola pública é [...] uma decisão consciente a caminho da exclusão, o que acarreta um ataque grave à democracia”? (Valter Hugo Mãe, *Jornal de Letras*, 18 de Setembro 2013, p. 34).

Como começar de novo quando a violência dos dias e das políticas conduzem a situações em que escolas, professores, estudantes, famílias, comunidades se sentem constrangidos pela insegurança e pelo medo do presente e do futuro?

Ora contra os diferentes tipos de violências simbólicas, políticas e profissionais “o tempo que está em falta é o tempo da política, o tempo da cidade, que usamos para falar dos nossos destinos comuns” (Pedro Bismark, *Público*, 23 de setembro 2013, p. 29).

E este “tempo da política” e o “tempo da cidade” e da cidadania da educação artística e musical (e dos seus profissionais) consciente e assumidamente marginalizada em detrimento dos designados “saberes úteis”, implica um pensamento e ação concertada, policentrada, e partilhada que conjugue, pelo menos, dois aspetos essenciais: a criatividade e as interdependências colaborativas.

Criatividade. Uma das funções da educação artística e artístico-musical é a de ativar os recursos do imaginário e da criatividade e em particular estimular modos de resistência

em relação ao fechamento e à reprodução acrítica de modelos e de modos organizacionais e pedagógico-artísticos, de forma a desenvolver a apetência pelo risco do desconhecido. Importa assumir a diferença e lidar com as dimensões criativas e imprevisíveis do ato artístico e do ato de aprender e de construir uma identidade pessoal, cultural, social, humana.

Interdependências colaborativas. A perspectiva de organizar o trabalho educativo-artístico de um modo mais denso e complexo implica uma maior cooperação entre as instituições de formação e as instituições culturais, entre os professores e os artistas, entre modos mais formalizados e menos racionalizados de formação bem como uma maior responsabilidade coletiva no desenvolvimento da educação artístico-musical em que interagem a complementaridade e a diferenciação de pressupostos, projetos e intervenções formativas, culturais e artísticas para a construção de pontes entre as atividades musicais, os recursos, os saberes e as comunidades.

Por outro lado, e atendendo à reconfiguração do papel do Estado nas sociedades contemporâneas, o associativismo afigura-se não só como uma modalidade de congregação de vontades e de projetos, mas sobretudo, e sem cair em qualquer espécie de corporativismo, como uma modalidade de coordenação da ação em que a voz e o olhar de cada um se faz ouvir no coletivo.

A APEM, e na medida das suas possibilidades, tudo fará para que estes tempos possam ser encarados de outros modos na defesa de uma educação artística e musical, e dos seus profissionais, que seja um instrumento que potencie a construção de uma democracia mais culta, onde, numa rede de interdependências várias, saberes e experiências, crianças, jovens, adultos, professores e comunidades participem e se revejam.

É um trabalho de todos e de todas. Por isso é preciso não desistir. Não desistir nunca. Sem medos.

António Ângelo Vasconcelos

nós por cá

ENCONTRO NACIONAL APEM 2013

“Ouvir, interpretar, criar: pedagogia da audição”

A APEM realiza o seu Encontro Nacional na Fundação Calouste Gulbenkian, no próximo dia 26 de outubro, entre as 9h e as 18h, com o tema “Ouvir, interpretar, criar: pedagogia da audição”.

O objetivo deste Encontro é proporcionar aos participantes perspetivas teóricas e práticas sobre a pedagogia da audição, na relação do ouvir, interpretar e criar, no quadro das atividades de educação e formação musical, articuladas com propostas artísticas e metodológicas de ensino a crianças, jovens e adultos.

O programa deste Encontro Nacional inclui duas conferências, uma conversa, quatro workshops e um concerto.

Conferências

Fernando Palacios – “Contos musicais. As estruturas da música através da narração”

“Os Contos Musicais constituem um repertório não só de iniciação à audição de obras complexas, como são, também, formas musicais em si mesmas, capazes de despertar todo o tipo de emoções. São obras completas que, utilizando por vezes o repertório clássico mais conhecido, oferecem a oportunidade de viver a música no mesmo plano que ouvidos especialistas.” [...]

António Pinho Vargas – “Como se ouve aquilo que não se conhece?”

[...] a pergunta de base coloca-se principalmente em relação à música nova e às suas estreias. Nesta comunicação irei abordar neste contexto o problema de o tempo de captação e de compreensão de tudo o que uma obra desconhecida propõe não ser de modo geral suficiente nas suas estreias face à não familiaridade com o objecto artístico em questão, em contraste com a extrema familiaridade com as peças do repertório canónico.

nós por cá

Conversa com

Eugénio Harrington Sena

“Primeiro cantar e depois ouvir?” - a propósito do projeto Vamos Construir Uma Cidade e do reportório de Ópera para Crianças
 “...Estabelecerei a relação com o tema do Encontro questionando se a melhor pedagogia da audição, no caso da ópera, não será a de cantar antes de ouvir...”

Workshops

Cristina Brito da Cruz – “O tradicional e o erudito, o som e a escrita, a técnica e a arte” – Uma Choradinha açoriana e uma Ungaresca italiana, com Saltarello

Neste workshop ouviremos/cantaremos obras de Giorgio Mainerio (1535-1582) e de Eurico Carrapatoso (n. 1962).

Ouvir/interpretar/criar repertórios tradicionais e eruditos, utilizando a voz e o movimento em versões melódicas e polifónicas, tonais e nos modos antigos, e com mudanças de compassos entre secções de obras, podiam ser os objetivos de eleição deste workshop. Preferimos salientar 1) o interesse de conhecer obras esteticamente interessantes, adequadas a crianças, jovens e adultos; 2) o processo de aprendizagem baseado na audição, no canto, na memória de sons e de gestos, na audição interior, na afinação cuidada e na interpretação; 3) a utilidade de aprender obras musicais, ou excertos, sem recurso a partituras, qualquer que seja o nível de preparação musical adquirido; 4) a importância de saber “cantar de cor”; 5) o prazer de ouvir, de cantar e de fazer música com outros.

João Carlos Rodrigues – “Dos objetos e dos sons: ouvir, explorar e fazer música”

A exploração, manipulação e criação de sonoridades pouco convencionais a partir de diversos objetos e instrumentos em sala de aula ou em sessões de animação musical pode ser um excelente ponto de partida para uma formação e educação musical ativa e motivadora. Assume-se a audição como elemento central da experiência musical perspetivada na sua totalidade, o que implica: ouvir – explorar – fazer música.

José Carlos Godinho – “Ouvir música em sentido ou com sentidos?”

Este workshop centra-se na convicção de que as memórias musicais são mais do que os vestígios auditivos deixados no cérebro. [...]

Ouvir música parece, portanto, beneficiar de contextos que promovam a ativação cerebral complexa e distribuída. Neste sentido, serão experimentadas e analisadas propostas metodológicas para a audição de música gravada em sala de aula, com recursos diversificados que incluem a mímica, a linguagem, a prática instrumental, vocal e corporal, favorecendo a estimulação motora e sensorial que permita, por um lado, a análise e organização mental e, por outro, a fruição, a empatia e as emoções. As memórias que cada participante levar serão, espera-se, o resultado do encontro entre as operações lógico-formais desenvolvidas e o que for sentido no “aqui e agora”.

Margarida Fonseca Santos – “Tokáscrever uma canção!”

Da importância das canções, quando trabalhamos música com crianças, já todos sabemos. Mas que impacto terá escreverem as suas próprias canções? Centrando-nos no ouvir de textos, descobrindo o seu balanço e magia, passando pelo traçar de uma melodia, chegaremos à construção de uma canção. É bem mais simples do que pensamos; é bem mais forte do que imaginamos; é seguramente bem mais formativo do que julgamos. Serão canções que não se esquecem.

Concerto de encerramento

Coro do Instituto Gregoriano de Lisboa

Direção: Filipa Palhares



Inscrições abertas – <http://www.apem.org.pt/>

Informações – apem.educacaomusical@gmail.com

vozes da apem

Orquestra Geração/ Bora Nessa

A Escola Básica 2, 3 Bartolomeu Dias- Sacavém, pertencente ao Agrupamento de Escolas Eduardo Gageiro, acolhe desde o ano letivo 2009/2010, o desenvolvimento do Projeto da Orquestra Geração/Bora Nessa sob a responsabilidade da Escola de Música do Conservatório Nacional. Na ocasião, este Projeto foi criado no âmbito da adesão dos Agrupamentos de Escolas de Camarate e Sacavém ao Contrato Local de Segurança de Loures, um programa de políticas preventivas de proximidade promovido pelo Ministério da Administração Interna, Governo Civil de Lisboa e Câmara Municipal de Loures em colaboração com a Escola de Música do Conservatório Nacional (fundada em 1835 por Garrett e Domingos Bomtempo). A base primordial dos seus objetivos continua a manter-se tendo subjacente a dinamização de uma orquestra com alunos dos diferentes agrupamentos de escolas, potenciando oportunidades de aprendizagem musical, bem como de formação pessoal e social. À semelhança do Projeto Nacional Geração, o Projeto da Orquestra Geração/ Bora Nessa baseia-se no Sistema de Orquestras Infantis e Juvenis da Venezuela (El Sistema) que assume o ensino da música como um modelo que favorece a inclusão, combatendo o insucesso e abandono escolares, promovendo a autoestima e a disciplina. Muitos têm sido os alunos que ao longo dos últimos 4 anos frequentaram o Projeto na Escola Básica 2, 3 Bartolomeu Dias- Sacavém, distribuídos pelo ensino de todos os instrumentos de Cordas e Sopros que compõem uma Orquestra Sinfónica. O processo ensino/ aprendizagem da música é valorizado através de aulas ministradas por professores especialistas de instrumento e classes de conjunto, contratados pelo Projeto da Orquestra Geração sob a tutela da Escola de Música do Conservatório Nacional. O protocolo estabelece também uma parceria com o Ministério da Educação que promove a articulação entre o projeto e as escolas onde se encontra implementado. Recentemente, foi criada a Orquestra Municipal Geração Bora Nessa de Loures (OMGBNL), segunda fase do projeto Orquestra Geração, com a finalidade de dotar o Concelho de Loures de um instrumento cultural que promova a divulgação da cultura junto das diferentes comunidades existentes no Município. Entre outros variadíssimos concertos apresentados ao longo do ano, sobressaem os dois últimos que culminaram com o encerramento das atividades do ano letivo 2012/2013, realizados nomeadamente na Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa, no dia 9 de Julho e no Anfiteatro ao Ar Livre da Fundação Calouste Gulbenkian, a 11 de Julho de 2013. O Projeto da Orquestra Geração/ Bora Nessa continua a causar grande impacto junto da comunidade educativa, sendo que as atividades desenvolvidas espelham o efeito positivo do forte envolvimento dos alunos com a música e da dinâmica causada com os Pais/Encarregados de Educação e restantes parceiros sociais.

Deixamos aqui o testemunho da Mariana, aluna que frequenta o Projeto da Orquestra Geração /Bora Nessa desde a sua fundação e que ocupa nos 1º Violinos, o lugar de Concertino.

Coordenadora do Projeto OBN/ Geração

Profª Maria de Jesus Cotrim Pestana



vozes da apem

Testemunho da Mariana, aluna da Orquestra Bora Nessa

"[...] Estes 4 anos têm sido fantásticos, para além das experiências fantásticas pelas quais passei na orquestra também tenho feito várias amizades, não só com pessoas da minha escola que frequentam a orquestra mas também com alunos de outras escolas também pertencentes à Orquestra Geração, como a E.B 2,3 Mário de Sá Carneiro e a Escola Básica 1,2,3 da Apelação.

Lembro-me do primeiro dia em que ouvi falar da Orquestra, era quarta-feira e eu andava no 5º G e tinha aula de música, que era uma das minhas preferidas, a minha professora disse que tinha novidades e começou a falar sobre o projeto, quando perguntou se alguém estava interessado mais de metade da turma colocou o dedo no ar e a professora entregou-nos umas fichas de inscrição e outras com mais algumas informações para os encarregados de educação. [...]

[...] Era a primeira vez que íamos tocar em palco, e no dia estava bastante nervosa, eram tantas pessoas e nunca pensei que houvesse tantos jovens como eu a querer aprender música. [...]

[...] Este projeto é único, dá-nos grandes oportunidades, como o de pisar palcos fantásticos, de conhecer pessoas fantásticas e de aprender música de uma maneira coletiva, [...].

[...] Sei que um dia terei de deixar o projeto, mas tenho a certeza que será com muita pena minha, pois estes 4 anos têm sido fantásticos, e têm sido anos de experiências fantásticas e inesquecíveis.

Obrigada "



perguntámos

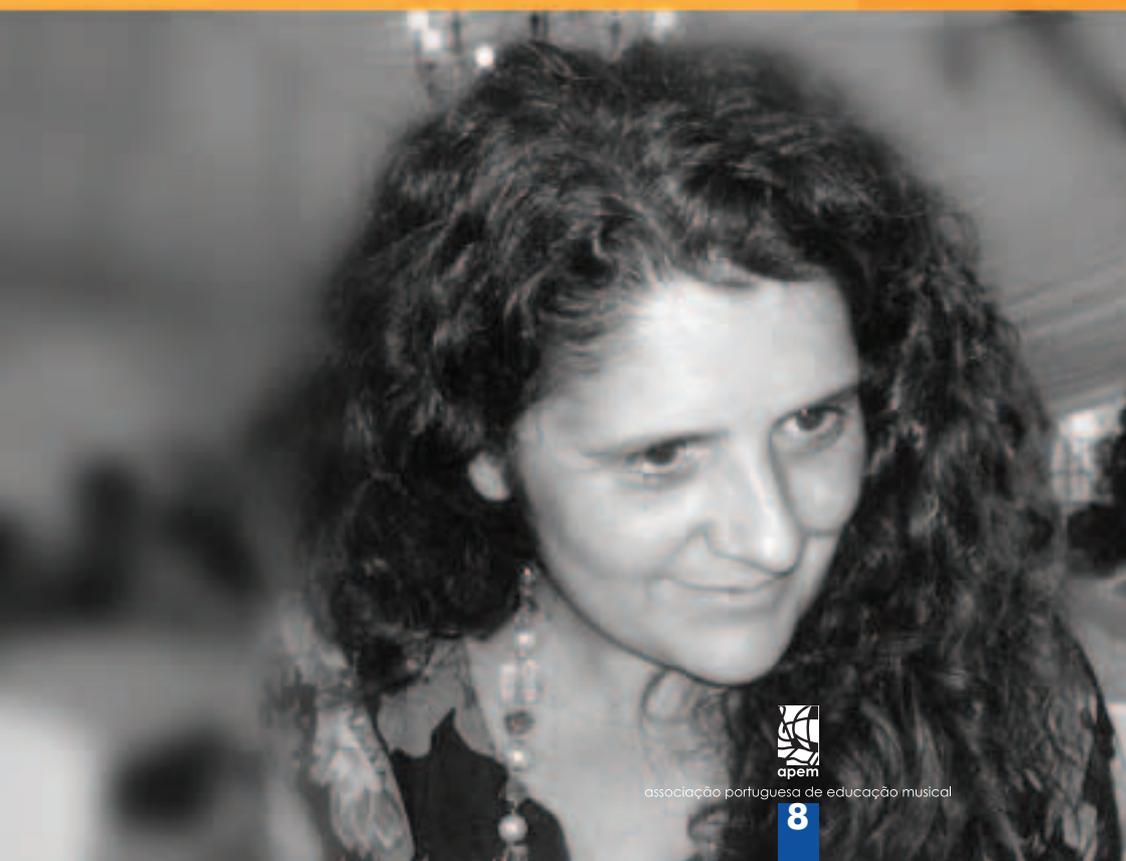


Ana Leonor Pereira, licenciada e profissionalizada em Canto pelo Conservatório de Haia e em Filosofia pela Universidade de Lisboa, é mestre em Ciências da Fala e prepara o seu doutoramento em Ciências da Saúde/Voz no Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Católica Portuguesa. Desenvolve ampla atividade como formadora nas áreas da voz profissional, voz cantada e voz infantil; tem vários artigos científicos sobre voz cantada publicados e discos editados. Colabora regularmente com o Centro de Formação da APEM.

O professor é um profissional da voz. Acha que os professores têm uma consciência real deste facto?

Não, não creio que os professores tenham essa consciência e, infelizmente, os seus empregadores (estado e privados) também não têm. Todos os problemas de saúde relacionados com a voz de que são alvo os professores – e são muitos, por exemplo, a incidência de disfonia nesta população é altíssima, quer por sobre uso, quer por mau uso da voz - deviam ser tratados como doença profissional. Em Portugal, como na maioria dos países europeus, as doenças vocais não fazem parte da “Lista das doenças Profissionais e Tabela Nacional de Incapacidades”. Isto é um problema, pois mostra a falta de reconhecimento do impacto que os problemas vocais têm sobre o desempenho da função do professor, tanto na qualidade da fala, como no da comunicação. No limite, impossibilita o professor de dar as suas aulas...

Claro que nenhuma revolução será operada enquanto os próprios professores não reconhecerem a importância da sua voz na sua profissão e não forem eles os primeiros a procurarem, e mesmo exigirem, formação na área, de modo a adquirir a técnica vocal que lhes permite resistir às longas horas de uso vocal, prevenindo e evitando os problemas vocais que os podem debilitar e/ou incapacitar. A maior parte dos professores nem sequer consegue avaliar a qualidade ou falta de qualidade da sua voz falada... e por isso, muitas vezes, nem sequer se apercebem que têm um problema; por vezes estão tão habituados à fadiga vocal que nem estão conscientes que esse não é um estado vocal “normal”. Todos os profissionais da voz deviam ser rastreados regularmente e a todos devia ser dada técnica vocal apropriada.



perguntámos



Neste início de ano lectivo há cuidados especiais que o professor deve ter com a sua voz?

Ao iniciar o ano de trabalho normalmente o professor sente-se bem vocalmente, pois a voz esteve “de férias” e, por isso, está fresca e saudável. Sabe-se que a qualidade vocal está fortemente correlacionada com o estado físico e emocional do indivíduo, por isso só pode almejar a excelência da qualidade vocal quem se encontra num estado óptimo de saúde global. O professor está constantemente a ser submetido a situações de stress que dificultam a aquisição e a manutenção da saúde vocal. O mais importante conselho neste início de ano lectivo é evitar o stress... Tendo em conta que a voz reflecte as condições gerais de saúde do indivíduo, a melhor forma de ter uma voz saudável é manter um estilo de vida saudável, por exemplo, comer bem, dormir bem, não ingerir álcool, não fumar, beber água para se manter convenientemente hidratado, não cometer abusos vocais...

A voz para o professor de música, é um instrumento privilegiado de trabalho. Isto significa uma maior responsabilidade com o uso da voz por parte do professor de música?

Sim, claro. Se um professor, em geral, tem uma enorme responsabilidade em manter a saúde da sua voz para poder exibir o melhor desempenho vocal possível, essa responsabilidade é ainda maior para o professor de música que usa a sua voz como instrumento musical. Dito de outro modo, ele é um professor que tem que usar a sua voz falada e a sua voz cantada. Mesmo que o não queira, o professor de música é um cantor e um professor de canto, por isso tem as mesmas responsabilidades para com a sua voz que tem o cantor profissional.

Aliás, tem ainda mais responsabilidade pois é a qualidade da sua voz que os seus alunos a todo o momento imitam. Se a sua voz for saudável e exibir uma boa qualidade vocal os seus alunos terão boas hipóteses de mimarem essa mesma saúde e qualidade vocal. Em idades precoces, a importância do modelo e da qualidade do modelo é perentória. Hoje sabemos, com a corroboração de imensos estudos na área das neurociências, que a imitação é preponderante na aprendizagem de skills motores associados à aprendizagem de um instrumento; embora a voz não seja um instrumento musical visível, obedece a uma aprendizagem similar que passa, também, pela aquisição de complexos gestos motores. A melhor e mais rápida forma de ensinar os gestos necessários à produção vocal de qualidade é sendo um bom modelo... Portanto, o professor de música deve, em primeiro lugar, cuidar da sua saúde vocal, e, em segundo lugar, deve aprender a ser o melhor cantor possível. Se assim for, poderá ser o modelo ideal que os seus alunos poderão imitar com sucesso. Naturalmente que para se ser um cantor de qualidade são precisas muitas horas de treino, mas um professor de música só ensina flauta de bisel se tiver tido muitas horas de treino. O mesmo deve acontecer com a voz cantada. Cantar bem exige aprendizagem e, embora a voz cantada seja o mais acessível instrumento musical do ser humano, nem por isso a sua aprendizagem deve ser descurada; pelo contrário, pelo facto de ser tão acessível e natural a todos deve ser alvo de um treino consciente e responsável. Cabe ao professor de música acarinhar e treinar a sua voz cantada de modo a que, direta e indiretamente, possa acarinhar e treinar a voz cantada dos seus alunos. E que nunca se esqueçam que a voz dos nossos alunos é o espelho da nossa voz.



de olhos postos...

Academia de Teatro Musical

Desde 2002, como professor e compositor, tenho vindo a desenvolver nas escolas projetos de teatro musical pensados e elaborados para serem os próprios alunos a desenvolver.

A metodologia criada, permite que ao longo do ano letivo os alunos possam realizar dois musicais. O primeiro pelo Natal (Natal das Bruxas, O Príncipe Feliz) e um segundo a ser trabalhado durante o 2º e 3º períodos (O Príncipezinho, Pequena Sereia, O Planeta da Energia).



de olhos postos...

A concretização destes projetos tem permitido um trabalho e esforço conjunto de professores, alunos, encarregados de educação e restante comunidade educativa, como se verificou no passado ano letivo integrado no programa educativo do Festival Terras Sem Sombra.

Meio milhar de crianças do Carvalhal, Melides e Comporta juntamente com o Coro Juvenil de Lisboa tiveram a oportunidade única de levar ao palco o Musical "O Príncipezinho" escrito por mim e dirigido pelo maestro Nuno Lopes, com a direção coreográfica de Maria Luísa Carles.

 http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=0k1JjrnpQs

 http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=yZ8neDCMIqw

Após o sucesso desta iniciativa, foi desenvolvida uma parceria com a Clave de Soft e o Coro Juvenil de Lisboa de modo a facilitar a divulgação e implementação de um projeto que potencia a inclusão e a valorização da escola e dos saberes, estimulando a criatividade e a interdisciplinaridade.

Mais informações disponíveis em:

 www.clavedesoft.pt

Víctor Palma



o que já se escreveu...

O texto que propomos para o início deste ano letivo, faz parte da obra *Hablar de Escuchar* da autoria de Fernando Palacios, conferencista convidado no Encontro Nacional da APEM, 2013. Neste texto Fernando Palacios reflete de uma forma muito particular sobre a importância da audição.

Oiço, logo existe

A música é um ser vivo; cada obra musical tem a sua própria vida que ocorre num espaço de tempo. Mesmo que a obra seja excecional, se não houver quem nela se fixe e se detenha a contemplar o seu decorrer, ela passa anónima, em sigilo, como uma vida vulgar que não desperta nenhum interesse. Para que a obra musical revele a maravilha que tem dentro, deverá haver alguém que se depare com ela, que se entregue à sua contemplação e a toque com a varinha mágica da atenção.

Então, o que era simplesmente som transforma-se em obra de arte, em veículo de expressão, em manancial de beleza, ou seja, torna-se um elixir de felicidade. A música é música se houver alguém que a escute; senão, não existe. Num artigo da secção de opinião de um jornal nacional, o escritor Bernardo Atxaga comenta o seguinte: “Estava a pensar num conto que li há pouco (...). Era de Eduarda Mallea, e contava o caso de um homem a quem todos deixam de escutar, ou melhor dito, de ouvir. Quando chega ao clube e tenta participar numa conversa, os seus amigos de sempre continuam a falar entre si, sem repararem nele. Entretanto, na rua, passa-se o mesmo. Os transeuntes passam ao largo, ninguém olha para ele, ninguém responde às suas perguntas. O homem tem, então, a sensação de estar a perder a voz, como se a sua caixa de ressonância se tivesse avariado, ou tivesse desaparecido. A coisa é grave porque, sem essa sonoridade, sem essa capacidade de chegar aos outros e sem suscitar a sua reação, o que está em jogo é a própria existência. Sem os outros, não há existência possível. Não há vida”.



Escutar é a palavra mágica, sem isso não se faz nada. O escutar chama o escutar, a atenção chama a atenção. Quem não escuta com atenção não pode chegar a saber no que consiste, quem não se deixa seduzir pela arte fica desligado – escutar é ligar-se – e, consequentemente, excluído da possibilidade de fruir. Só a atenção transforma os órgãos sensoriais em fontes de sentimentos, daí que seja absolutamente necessário ter a atenção predisposta a trabalhar no momento preciso. Quando

a atenção não é usada surge o aborrecimento, e com ele um círculo vicioso: a apatia chama a apatia, abandonar-se nos seus braços é assegurar o tédio e a rejeição continua ao pequeno esforço inicial de escutar.

Escutar música requer, inevitavelmente, o contributo desse mínimo trabalho de atenção, e esse trabalho aprende-se; pode acontecer custar mais a uns que a outros, mas não há dúvida que se pode habituar a mente e o corpo a esse ofício; por isso se deve educar o esforço de escutar. Podem-se ter grandes ideias educativas, mas não se

podem aplicar se não houver quem as escute. Conjugiar o verbo escutar é uma tarefa prioritária e diária, pois tudo nos remete a ele. Falar de escutar apresenta-se como uma tarefa urgente, uma tarefa prévia, um passo anterior a todos os outros. É uma clareira, uma preparação do terreno onde se vai construir um edifício ou plantar qualquer semente. Sem o prólogo da atenção nada é possível. Devem-se criar “cabides e ganchos” nas nossas consciências onde as “roupas” da escuta se possam colocar.

In Palacios, Fernando (2010) Hablar de Escuchar. Vitoria-Gasteiz: Agruparte (p.11) (tradução livre)

APEM 2013

Encontro Nacional

Ouvir, interpretar, criar: pedagogia da audição

- **Conferências**

Fernando Palacios, António Pinho Vargas

- **Workshops**

*José Carlos Godinho, Margarida Fonseca Santos,
João Carlos Rodrigues, Cristina Brito da Cruz*

- **Conversa com...**

Eugénio Harrington Sena

- **Concerto**

Coro do Instituto Gregoriano de Lisboa

Fundação Calouste Gulbenkian - Lisboa

26 de outubro de 2013
das 09.00h às 18.00h

Inscreva-se em:

apem.educacaomusical@gmail.com

• 213 868 101
• 917 592 504
• 960 387 244

organização:



associação
portuguesa
de educação
musical



GOVERNO DE
PORTUGAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIA



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN

APEM 2013 Encontro Nacional 26/out

08:30	Receção-inscrições	
9:15 - 9:30	Abertura	
9:30 - 10:30	Conferência 1 (Auditório) "Contos musicais. As estruturas da música através da narração" Fernando Palacios	
CAFÉ		
10:50 - 11:50	Sala 1 • Workshop 1 "Ouvir música em sentido ou com sentidos?" José Carlos Godinho	Sala 4 • Workshop 2 "Tokáscrever uma canção!" Margarida Fonseca Santos
12:00 - 13:00	Em conversa com... (Auditório) Eugénio H. Sena "Primeiro cantar e depois ouvir?"	
ALMOÇO		
14:45 - 15:45	Conferência 2 (Auditório) "Como se ouve aquilo que não se conhece?" António Pinho Vargas	
16:00 - 17:00	Sala 1 • Workshop 3 "Dos objetos e dos sons: ouvir, explorar e fazer música" João Carlos Rodrigues	Sala 4 • Workshop 4 "O tradicional e o erudito, o som e a escrita, a técnica e a arte" – Uma Choradinha açoriana e uma Ungaresca italiana, com Saltarello Cristina Brito da Cruz
CAFÉ		
17:15 - 17:45	Encerramento Concerto Coro do Instituto Gregoriano Filipa Palhares	

Inscrições – Valores e condições especiais

	Sócios	Não sócios	Estudantes	Grupos (4 ou mais elementos)
Até 30 setembro	€20	€35	€25	Desconto de 10% sobre o valor da inscrição (preencher ficha de inscrição própria de grupo)
A partir de 1 de outubro	€25	€40	€30	



Informações e fichas de inscrição em:

<http://www.apem.org.pt>

apem.educacaomusical@gmail.com

Associação Portuguesa de Educação Musical

Rua D. Francisco Manuel de Melo, 36

1º Dto. 1070-087 LISBOA

de 2ª a 6ª feira
das 10h às 12.30h e das 14h às 17.30h

Tel. e Fax 213 868 101

Tm. 917 592 504 / 960 387 244

apem.educacaomusical@gmail.com

Ficha Técnica

Conceção e edição: **Direção da APEM**

Conceção gráfica: **Henrique Nande** <http://storyllustra.blogspot.pt>

Colaboram neste número: **António Ângelo Vasconcelos, Ana Venade, Manuela Encarnação, Henrique Piloto, Carlos Gomes, Henrique Nande, Ana Leonor Pereira, Fernando Palacios, Maria de Jesus Pestana e Víctor Palma.**

Contacto: apem.news@gmail.com



associação portuguesa de educação musical